



A CRISE NA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE HANNAH
ARENDT

THE CRISIS IN EDUCATION IN THE THOUGHT OF HANNAH
ARENDT

Lucas Palhano Rodrigues de Sales¹

RESUMO

O presente artigo expõe a reflexão do pensamento elaborado pela teórica-política alemã Hannah Arendt a respeito da crise da educação no mundo contemporâneo. Este trabalho está dividido em quatro partes complementares. Na introdução é apresentado o problema num panorama geral, bem como indica a reflexão conceitual que forja o pensamento e a tese arendtiana. Na primeira parte apresenta-se o estado completo da crise sem precedentes na história, enquanto o mundo vive numa sociedade de massas. Na segunda parte são elaborados os elementos que ajudam a formar a crise, a saber, a perda da autoridade e as questões pedagógicas que, inúmeras vezes, acabam por infantilizar o processo educacional. Finalmente, na última parte do trabalho, apresentam-se saídas para superar a crise, a partir do prisma arendtiano, especialmente a atitude de amor mundi.

Palavras-chave: Arendt. Educação. Crise. Autoridade.

ABSTRACT

The present article puts forward a reflection on the thoughts elaborated by the German political theorist, Hannah Arendt, about the crisis in education in the contemporary world. The work is divided into four complementary stages. The introduction presents a general overview of the problem and also indicates the conceptual reflection that forges the Arendtian thoughts and her thesis. The first stage presents the whole state of this unprecedented crisis in history while the world lives in a mass society. The second stage elaborates on the elements that helped form the crisis, namely, the loss of authority and the pedagogical matters that many times end up infantilizing the educational process. Finally, the last stage of the paper presents ways to overcome the crisis from the Arendtian standpoint, especially the attitude towards 'Amor Mundi'.

¹ Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: lucaspalhano@gmail.com.

Keywords: Arendt. Education. Crisis. Authority.

Na obra *Entre O Passado e o Futuro*, publicada no final dos anos 1950, Hannah Arendt ocupa-se de um tema central que passa por várias crises, a educação, mas que, nos EUA, se repetem com uma periodicidade característica. Arendt inicia seu texto afirmando que a crise pela qual a educação passa deve necessariamente ser investigada a partir das experiências políticas vividas no século XX e de seus impactos.

É interessante notar que ao falar de crise, Arendt observa que esta pode trazer a possibilidade de uma vasta reflexão sobre as questões vigentes.

É a oportunidade, proporcionada pelo próprio fato da crise – que dilacera fachadas e oblitera preconceitos -, de explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu, e a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo. O desaparecimento de preconceitos significa simplesmente que perdemos as respostas (...). Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. (ARENDR, 2016, p. 222-223).

Arendt constata ainda que a modernidade se caracteriza por uma grande perda do sentido de comunidade, que acabou por gerar uma verdadeira falência do “bom senso”. Desta forma adentra-se num dos pontos centrais de sua reflexão, pois quando o juízo humano renuncia ou fracassa em sua busca por compreender, tem-se o indicativo de que uma parte do mundo fora destruída; assim, algo comum a todos os homens também o foi. Para Arendt, trazendo à tona os conceitos gregos de “iluminado”², como a origem de todos os males, percebe-se por que, segundo a autora, o “bom senso” apresenta-se como um verdadeiro “sentido dos limites”, pois ao perder tal “medida”, o mundo cai em derrocada (ARENDR, 2016, p. 227).

Cabe ressaltar que, para Arendt, o mundo é precisamente uma construção humana, sendo constituído por um conjunto de artefatos e de instituições duráveis que proporcionam aos homens estarem sempre e continuamente conectados entre si, sem que deixem de estar separados, simultaneamente (ARENDR, 2010). Assim sendo, o

² Na alegoria da caverna, aquele que sai da caverna e encontra a luz (a verdade), volta para propagá-la.

mundo³ não pode ser confundido apenas com a terra onde estes homens se movem ou ainda com a natureza de onde extraem a matéria-prima a partir da qual fabricam os seus artefatos ou colhem o alimento para o seu sustento, mas refere-se às inúmeras barreiras culturais, institucionais que os seres humanos inserem entre eles e entre a natureza. Ou seja, Arendt entende que a fabricação é circundada pelo mundo e está em permanente contato com ele (ARENDR, 2001, p. 210).

Igualmente importante, Arendt, refere-se como mundo àqueles assuntos que estão “entre” os homens (ARENDR, 2003, p. 14), ou seja, são aqueles assuntos que lhes dizem respeito ao entrarem em relações políticas entre eles. Assim, o mundo instaurado entre os homens quando estão juntos na modalidade da ação e da fala é tão real quanto a mundanidade artificial de coisas e instituições que visivelmente se interpõe entre eles e a natureza (NETO, 2008, p. 194). Em um sentido mais estreito, o mundo também designa o conjunto de instituições e leis que aos homens é comum. Em outras palavras, tratar-se-ia daquele espaço comum, por assim dizer, que deve sobreviver ao ciclo natural da vida e da morte das gerações. Por isso é importante garantir alguma estabilidade a este mundo comum, onde cada indivíduo aparece aos outros ao mesmo tempo em que os demais indivíduos aparecem instituindo o seu mútuo aparecimento (ARENDR, 2003, p. 31).

Segundo a autora, somente os homens são capazes de manter uma certa relação privilegiada com o mundo e caberia justamente à educação a necessária e delicada função de iniciar a justa inclusão daqueles que chegaram num mundo que existia antes deles, logo lhes é estranho, e que deverá permanecer após o seu desaparecimento (ARENDR, 2016, p. 235).

Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém, simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação aos seus filhos. (ARENDR, 2016, p. 235).

Esta relação que o homem mantém com o mundo e que deve ser mediada pela educação precisa ser sempre repensada a cada novo nascimento, com o

³ A respeito do conceito de mundo na obra de Arendt, como abordado neste trabalho, há que se dizer que há diferenciações teóricas feitas pela própria pensadora sobre ele. O texto do prof. Rodrigo Ribeiro Alves Neto é de suma importância nesta compreensão (Cf. NETO, 2008).

aparecimento de um ser inteiramente novo e diferente de todos os outros (ARENDT, 2010). É precisamente neste ponto que Arendt chama atenção para a atitude que os adultos devem ter, o que a autora conceitualizou como “amor mundi”, ou seja, a responsabilidade que os homens devem assumir pelo mundo para que o conjunto de instituições políticas e leis que foram herdadas não sejam constantemente transformados, ou até mesmo destruídos de acordo com a vontade ou interesses de alguns grupos. Não sem razão Arendt ressalta que aquele que é responsável pela educação não pode estar apenas voltado para o desenvolvimento da criança, mas deve assumir ao mesmo tempo a sua responsabilidade pelo mundo (ARENDT, 2016, p. 235)

É este papel da educação que faz com que os recém-chegados tenham contato com as estruturas gerais da sociedade, a saber, as científicas, políticas, linguísticas, econômicas. Ao chegarem à maturidade, como adultos, caberá aos que foram recém-chegados transformar este mundo através da ação política. Justamente por isto a educação possui função eminentemente política, ainda que não seja especificamente política. É, pois, desta forma, que o mundo comum futuro será cuidado; para Arendt, o mundo comum só poderá ser transformado se for conservado. É mister ressaltar a que conservadorismo a autora está se referindo.

A fim de evitar mal-entendidos: parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é se ore abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança; o novo contra o velho, o velho contra o novo. (ARENDT, 2016, p. 242).

Arendt lembra que esta atitude permanece apropriada apenas nas relações entre os adultos e os recém-chegados, ou seja, na educação, mas não no horizonte da política. A atitude conservadora no âmbito da política levaria os indivíduos a aceitar o mundo como está, o que seria uma mera preservação do *status quo*, fadando-o à destruição. Ao contrário, somente a ação humana pode intervir ao criar aquilo que é novo. (ARENDT, 2016, p. 242).

1 O Estado da Crise

Como a educação no mundo contemporâneo, para Arendt, passa por uma grave crise, notadamente singular na história, só será possível compreendê-la a partir do entendimento da crise política na qual este mundo está imerso. Arendt atenta para o fato que o mundo moderno fomenta uma verdadeira sociedade de massas que valoriza a novidade pela novidade e o consumo exacerbado e que parece não querer conservar nada dos seus antepassados, conseqüentemente, perdendo dois aspectos primordiais para o mundo, quais sejam, a autoridade e a tradição.

Ao fim e ao cabo poder-se-ia perguntar se um mundo com excesso de novidades pode trazer à tona uma grande falta de responsabilidade e despreparo dos adultos na tarefa de incorporar os recém-chegados no mundo. Mas, parece ser claro que existe uma íntima conexão, por exemplo, entre a perda da autoridade na vida pública – política por excelência – e nos contextos mais privados ou pré-políticos, como a família e a escola.

É como se os pais dissessem todos os dias: - nesse mundo, mesmo nós não estamos muito a salvo em casa; como se movimentar nele, o que saber, quais habilidades dominar, tudo isso também são mistérios para nós. Vocês devem tentar entender isso do jeito que puderem; em todo caso, vocês têm o direito de exigir satisfações. Somos inocentes, lavamos as nossas mãos por vocês. (ARENDR, 2016, p. 241-242).

Este mundo repleto de transformações que, por vezes, o deixam completamente irreconhecível, teve as suas bases saturadas, trazendo, por conseguinte, uma grande instabilidade institucional e uma severa perda do sentido da realidade. Sem dúvida, a estas perdas somam-se a perda do senso comum e da capacidade de julgar dos homens.

O desaparecimento do senso comum nos dias atuais é o sinal mais seguro da crise atual. Em toda crise, é destruída uma parte do mundo, alguma coisa comum a todos nós. A falência do bom senso aponta, como uma vara mágica, o lugar em que ocorreu esse desmoronamento. (ARENDR, 2016, p. 227).

Assim sendo, a crise da educação no mundo contemporâneo está relacionada à instabilidade atual das instituições que sofrem com o excesso das transformações. Dentre estas instituições destaca-se a escola, que deveria fazer a mediação entre o

domínio privado do lar e o mundo, ou seja, a família e o mundo. Ainda assim, a escola não poderia de forma alguma reproduzir por completo o mundo em si e, justamente por isto, este papel de introdução dos recém-chegados ao mundo deve ser feito paulatinamente. Daí observa-se a imensa complexidade da arte de educar, pois como Arendt afirma:

(...) as duas responsabilidades de modo algum coincidem; com efeito, podem entrar em mútuo conflito. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça da parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração. (ARENDR, 2016, p. 235).

Precisamente por isso não é função da educação trazer ao mundo a novidade, transformando-se num instrumento autoritário e que acaba por barrar as modificações do mundo. Ainda que a linha que divide esta dupla função seja tênue, não se pode perdê-la de vista pois a novidade só poderá vir ao mundo através da ação política dos homens, realizada pela intermediação dos adultos. Para Arendt, a educação deve ser um pressuposto para a verdadeira atividade política.

A educação não pode desempenhar papel nenhum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados. (...) Mas mesmo às crianças que se quer educar para que sejam cidadãos de um amanhã utópico é negado, de fato, seu próprio papel futuro no organismo político, pois, do ponto de vista dos mais novos, o que quer que o mundo adulto possa propor de novo é necessariamente mais velho do que eles mesmos. Pertence à própria natureza da condição humana o fato de que cada geração se transforma em um mundo antigo, de tal modo que preparar uma nova geração para um mundo novo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo. (ARENDR, 2016, p. 225-226).

Desconsiderar este aspecto seria infantilizar tanto a política quanto a educação. Vale ressaltar que a educação não pode ser apartada do mundo dos adultos e é precisamente por isso que possui uma tarefa tão árdua e crítica.

2 Elementos da Crise

2.1 A Autoridade

A perda da autoridade, sem dúvida, segundo Arendt, é política na sua natureza e origem (ARENDR, 2016, p. 128). A ascensão de movimentos políticos que visavam substituir por completo o sistema partidário acabou por gerar uma inesperada forma de governo totalitário, consequência de uma ruptura geral de quase todas as autoridades tradicionais.

O sintoma que emerge daí, mostrando a grandiosidade desta crise, é que ela espalhou-se mesmo em áreas pré-políticas, a saber, a criação dos filhos e a educação (ARENDR, 2016, p. 128), pois nestas relações a autoridade foi, desde épocas imemoriais, aceita como uma necessidade natural, seja para amparar a criança em suas necessidades mais naturais, seja por necessidade política. “A autoridade foi recusada pelos adultos e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças.” (ARENDR, 2016, p. 240).

Arendt alarga a análise da questão ressaltando que a autoridade que fora perdida não foi uma “autoridade geral”, mas uma específica, atentando-se a algumas distinções que se inclinam a ser desconsideradas na análise desta crise, como a tradição e a religião. Este é um ponto importante a ser mencionado, pois foi, por um lado, a tradição quem guiou os homens com uma certa segurança no passado (ARENDR, 2016, p. 130). Porém, como a religião, que desde o século XVII tem enfrentado sérias dúvidas em relação às suas crenças e, talvez, até mesmo à sua fé, suas autoridades são cada vez mais questionadas.

É mister voltar agora para o tema da perda da autoridade. Esta foi, por assim dizer, a base que servira como alicerce para que o mundo permanecesse com a durabilidade que os seres humanos necessitam. Justamente por isto, a perda deste alicerce é proporcional à falência do fundamento do mundo, que começa, sem dúvidas, a se transformar numa velocidade cada vez mais alucinante. É justo ressaltar que, para Arendt, esta perda da segurança que sustentava o mundo não necessariamente traz em si a perda da capacidade humana de cuidar, preservar ou construir o mundo.

2.2 A Questão Pedagógica

Há um outro fator que Arendt aborda e que, segundo sua análise, ajuda fortemente a contribuir com a crise: aquilo que poder-se-ia ser denominado de questão pedagógica. A autora chama a atenção que determinadas alternativas pedagógicas que tem alimentado diversos programas educacionais na América acentuam a ruína da missão mediadora da educação e, conseqüentemente, interferem na escola, ponte entre o ambiente familiar e o mundo dos adultos.

É aí que está o âmago deste problema, pois a educação acabou por renunciar o papel de mediadora e, conseqüentemente, relegou-se à alienação dos recém-chegados com relação a este mundo, privando-os do direito de conhecer o mundo e tornando-os praticamente incapazes de, no tempo oportuno, preservá-lo e transformá-lo.

No bojo dos anos cinquenta, precisamente onde a reflexão da autora se situa, a América e suas escolas foram, por assim dizer, invadidas por diversas correntes pedagógicas que clamavam por uma nova escola, que abandonasse os recursos de violência e desse ares a uma escola mais democrática, tendo a criança e o “seu mundo” como centros de sua atividade. Além disso, alguns outros métodos pedagógicos, advindos da psicologia do desenvolvimento, centrados na ideia da individualidade, deixavam à margem, quando não desconsideravam, o vínculo irrenunciável do princípio educacional do cuidado e da responsabilidade com o mundo. Exatamente neste ponto da discussão, Arendt lastima que este processo tenha acabado por infantilizar os educadores, os recém-chegados e o processo mesmo da educação, qualificando como desastroso este modelo, pois “existe um mundo da criança e uma sociedade formada entre crianças autônomas e que se deve permitir, na medida do possível, que elas governem. Os adultos estão aí apenas para auxiliar esse governo.” (ARENDR, 2016, p. 229).

Esta mentalidade de que as crianças, os recém-chegados, devem ser “libertos” da opressão dos adultos, que renunciaram ao seu papel de educadores, perverte a tarefa da educação mesma. Esta atitude não poderia deixar de resultar numa verdadeira tirania da maioria do grupo de crianças e jovens, acabando por tornar-se uma face da violência cotidiana na metade do século.

Assim ao emancipar-se da autoridade dos adultos, a criança não foi libertada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria. Em todo caso, o resultado foi serem as crianças, por assim dizer, banidos do mundo dos adultos. São elas, ou jogadas a si mesmas, ou entregues à tirania de seu próprio grupo, contra o qual, por sua superioridade numérica, elas não podem se rebelar, e do qual por serem crianças, não podem argumentar, e do qual não podem escapar para nenhum outro mundo por lhes ter sido barrado o mundo dos adultos. A reação das crianças a essa pressão tende a ser ou conformismo ou a delinquência juvenil, e frequentemente é uma mistura de ambos. (ARENDT, 2016, p. 230-231).

Ainda assim, Arendt não está voltada apenas para os recém-chegados, mas com a mesma perspicácia aborda o problema da crise da educação levando em conta o estado dos professores. Segundo a sua análise, também os educadores foram, de certa forma, abandonados à sua própria sorte, pois, não raro, a pedagogia percebeu-se como uma ciência do ensinar a ensinar (ARENDT, 2016, p. 231) a ponto de o professor não conhecer mais a sua própria matéria e, por vezes, encontrar-se apenas um passo à frente de sua classe no tangente ao conhecimento.

Arendt chama a atenção, nesta crise, para o papel do pragmatismo e do seu pressuposto básico de que só é possível compreender aquilo que se faz, pois ambos sobrepuseram o fazer pelo aprendizado. Esta prática acabou por transformar instituições de ensino em instituições vocacionais, por assim dizer, ensinando o que seria mais importante para viver bem⁴ de acordo com o labor e o trabalho. Em igual proporção estes institutos foram incapazes de fazer com que as crianças conquistassem os pré-requisitos básicos de um currículo padrão. (ARENDT, 2016, p. 232).

Ao assimilar estes problemas especificamente pedagógicos, Arendt abrange a crise pela qual a educação passa de forma significativa. Há que se observar que a consequência destes aspectos problemáticos aponta para a perda acelerada da autoridade educacional, já que esta autoridade está fundada na responsabilidade que este educador assume pelo mundo (ARENDT, 2016, p. 235) Cabe ainda salientar que:

A autoridade do educador e a qualificação do professor não são a mesma coisa. Embora esta qualificação seja indispensável para a autoridade, a qualificação, por maior que seja nunca engendra por si só autoridade. A

⁴ Arendt relembra que quando várias aldeias se unem numa única comunidade, grande o bastante para ser autossuficiente (ou para estar perto disso), configura-se a cidade, ou Estado – que nasce para assegurar o viver e que, depois de formada, é capaz de assegurar o viver bem. (ARENDT, 2010, p. 145).

qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo face às crianças, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes, adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - isso é o nosso mundo. (ARENDT, 2016, p. 239).

Arendt aponta o caminho a ser seguido na contramão do discurso educacional do século XX que, numa busca desenfreada e desesperada por reformar o sistema educacional (ARENDT, 2016, p. 233), tem colaborado para aprofundar ainda mais a crise na educação.

3 Superar a crise

O apelo acalorado de Arendt é para que os adultos, sobretudo os educadores, recuperem o bom senso e assumam de uma vez a responsabilidade de preservar o mundo e apresentá-lo aos recém-chegados. Para que isto aconteça os educadores devem assumir o papel de narradores, como Walter Benjamim conceitua, para que assim possam contar aos recém-chegados as verdades factuais⁵. Num mundo em que esta verdade está tão fragilizada que a tradição já não consegue mais sustentá-la, cabe aos educadores manterem a sua fidelidade ao mundo – fruto de sua responsabilidade para com ele – para que, assim, possam conservá-lo.

É mister assinalar que, para relatar a verdade factual, é necessária a imparcialidade, para que a história não seja comprometida. Em um mundo cada vez mais conectado, em que quase não existem barreiras, que não é mais sustentado nem pela autoridade, nem pela tradição, cabe à educação, alicerçada firmemente nestes fundamentos ora desconsiderados, trilhar um novo caminho. Só assim o mundo que pertence a todos os homens poderá ser preservado e, a seu tempo, transformado.

É fato que no mundo hodierno, com renovada força, uma educação tecnicista, com vastas matérias que parecem solapar as crianças e os jovens ao induzi-los sempre mais numa mentalidade voltada para a fabricação e em um contexto em que a busca pelo ter não conhece limites, deve ser encarada e repensada, sobretudo com o auxílio da Filosofia da Educação. O problema não pode ser deixado de lado, pois

⁵ Para Arendt, a verdade factual constitui a verdadeira textura do domínio público. (ARENDT, 2016).

encará-lo faz parte da responsabilidade pelo mundo: propor novas saídas é cuidar do mundo para que ele permaneça como um lugar adequado à vida dos seres humanos.

O papel do filósofo da educação, em suma, do educador, é parar para pensar, pensar as experiências, pensar a partir de novos paradigmas.

Há muitos que ‘param para pensar’, isto é, para lembrar e refletir aquilo que ocorreu; há também aqueles que escolhem pensar como modo de vida, se debruçando sobre as perguntas últimas – o ser, o sentido da vida, a morte, etc. na arte o pensamento conflui com a fabricação de objetos. Os poetas pensam e fazem pensar por meio da linguagem metafórica, e o narrador, independentemente de ser um escritor de ficção ou um historiador, procura compreender [os acontecimentos] ao contar uma história sobre as experiências humanas no mundo. (ALMEIDA, 2009, p. 130).

O filósofo da educação, o educador, deve buscar o sentido do pensar para que encontre também novas saídas, pois esta busca de sentido, como afirma Almeida (2009), está intimamente ligada à responsabilidade pelo mundo que, como se viu, está sem fundamentos. O educador deve ser nos dias de hoje, ainda com maior gravidade, um “por-em-ordem” neste mundo, para que ele ainda seja possível. (ARENDR, 2016, p. 243).

Precisamente por isto, seguindo a perspectiva de Arendt, o filósofo, sobretudo da educação, não pode ser o guardião da verdade, mas deve permanecer como um contador de histórias (FELICIO, 2016, p. 978), o que o auxiliará a faculdade do juízo, pois esta é possibilitadora da decisão nos seres humanos e os orienta, por conseguinte, a guiarem-se no mundo em que vivem. “Agora que se experimentou a ausência das responsabilidades, deve-se olhar para frente, deve-se construir, sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda. Deve-se ser construtores.” (BENJAMIM, 1985, p. 115).

É ainda papel da educação despertar naqueles que são recém-chegados o amor, o apreço pelo mundo que une os humanos tão diferentes entre si, despertando-os para a consciência de que é neste mundo, e não em outro, que a vida dos homens, tão plurais entre si, realiza-se.

Trata do mundo que se forma como tempo-espaço (...) em que construímos nossas casas, nos instalamos, querendo deixar algo permanente. O mundo ao qual pertencemos porque somos no plural, em que permanecemos eternamente estrangeiros porque somos no singular, cuja pluralidade, e somente ela, nos permite estabelecer nossa singularidade. (ARENDR *apud* ALMEIDA, 2009, p. 132).

É, portanto, necessário assumir a responsabilidade pelo mundo, pelo amor que se tem a ele, tendo a educação como ponto principal para salvá-lo da ruína, caso lhe falte a renovação trazida pelos novos e pelos jovens. Este compromisso inspira a convivência na pluralidade e extrai dela novos meios para que recupere o sentido de pertença a este mundo, pois em breve tempo, parece-nos que este mesmo mundo não suportará ser tratado como uma espécie de grande rede social – *mass media* – em que bane-se o que não agrada ao indivíduo, em que as relações não são duradouras, por fim, um mundo que tenha a aparência do novo.

Referências

- ALMEIDA, V. S. **Amor Mundi e a educação**: reflexões sobre o pensamento de Hannah Arendt. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ARENDT, H. **Entre o Passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016
- ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 11ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DUARTE, A. Biopolitics and the dissemination of violence: the arendtian critique of the present. In: WILLIAMS, G. (Ed). **Hannah Arendt**: critical assessments of leading political philosophers. V. III. Abingdon: Routledge, 2006. p. 408-423.
- DUARTE, A.; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, set./dez. 2010, p. 823-837.
- FELÍCIO, Carmelita. Hannah Arendt e a crise na educação: “o que nos faz pensar?”. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, set./dez. 2016, p. 967-982.
- NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. Mundo e Alienação na Obra de Hannah Arendt. **Revista Unisinos**, v. 9, n. 3, set/dez 2008, p. 243-257.

Artigo recebido em: 13/04/2021.
Artigo aceito em: 18/06/2021.